



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0340/20255

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 13/12/2025

Reino da Arábia Saudita parece se tornar um centro de comércio de carbono para o Sul Global



Uma foto tirada em 14 de janeiro de 2023 mostra a torre Kingdom Centre na capital saudita, Riade.

O Reino da Arábia Saudita busca se tornar um polo de comércio de carbono para o Sul Global e está de olho em parcerias com empresas asiáticas para negociar em sua bolsa. O Voluntary Carbon Market do Reino da Arábia Saudita assinou recentemente um memorando de entendimento com a casa japonesa Marubeni "para colaboração nos mercados de carbono" e também se associou à Climate Bridge International, uma empresa de financiamento de carbono sediada em Singapura, como parceira consultora.

Fadi Saadeh, CEO interino da empresa Voluntary Carbon Market do Reino da Arábia Saudita, disse que é importante que o Reino da Arábia Saudita tenha um mercado para negociar créditos de carbono decorrentes da retirada gradual do carvão. Um crédito de carbono representa uma tonelada de CO₂ ou gases de efeito estufa equivalentes a CO₂ reduzidos ou removidos por projectos verificados, como reflorestamento ou esquemas de remoção de carbono. No mercado voluntário de carbono, as empresas podem comprar os créditos para compensar suas emissões e atingir suas metas de neutralidade

líquida, enquanto os vendedores dos créditos podem usar os fundos recebidos para investir em projectos mais verdes.

O VCM foi criado em 2022 pelo Fundo de Investimento Público do Reino da Arábia Saudita e pelo Saudi Tadawul Group, operador de bolsa do país.

Saadeh afirmou que a VCM está geograficamente bem localizada para captar a demanda do Sul Global e pode aproveitar os relacionamentos e investimentos existentes que empresas como a Saudi Aramco construíram ao longo dos anos. "No Reino da Arábia Saudita, há três anos, não havia nenhum desenvolvedor de projectos para créditos de carbono", disse Saadeh. "Hoje, por causa do VCM e do ecossistema ao redor do mundo, temos mais de 25 desenvolvedores de projectos no Reino da Arábia Saudita." Ele acrescentou que a transição energética levaria tempo. **Fonte-Arab News.**

KSrelief entrega 14 ambulâncias ao Ministério da Saúde do Curdistão Iraquiano



Ahmed bin Ali Al-Baiz (R) e o embaixador Mohamed Bamba Mohamed Boba assinaram em Riade o acordo de 4 milhões de dólares.

O Centro de Ajuda Humanitária e Socorro King Salman assinou um acordo com a Organização de Cooperação Islâmica para entregar 14 ambulâncias ao Ministério da Região do Curdistão do Iraque. Os veículos médicos beneficiarão cerca de 3,35 milhões de pessoas em toda a região.

Ahmed bin Ali Al-Baiz, assistente do supervisor geral de operações e programas do centro, e o embaixador Mohamed Bamba Mohamed Boba, director-geral da missão regional da OCI na Somália, assinaram o acordo de 4 milhões de dólares em Riade.

Boba descreveu a parceria como reflectindo os profundos laços estratégicos entre a OIC e o KSrelief em múltiplas regiões. Ele expressou a gratidão da organização pelo apoio ao centro e elogiou a ampla acção humanitária do Reino da Arábia Saudita por meio do KSrelief, que tem ajudado populações vulneráveis em todo o mundo. A assistência ressalta o compromisso do Reino da Arábia Saudita em apoiar a infraestrutura de saúde na Região do Curdistão do Iraque e reforça a missão humanitária mais ampla do Reino de auxiliar nações e comunidades necessitadas globalmente. **Fonte-Arab News.**

O Reino da Arábia Saudita avança no Índice de Cobertura Universal de Saúde



O Reino da Arábia Saudita avança globalmente no índice universal de cobertura de saúde.

O Reino da Arábia Saudita fez progressos notáveis no Índice de Cobertura de Serviços de Cobertura Universal de Saúde, reforçando sua posição entre as principais nações em indicadores globais de saúde, segundo os dados mais recentes divulgados pela Organização Mundial da Saúde e pelo Banco Mundial.

O Reino registrou uma pontuação de 83 pontos na última actualização da UHC, marcando um aumento de nove pontos em dois anos e colocando o Reino da Arábia Saudita entre os países classificados como tendo cobertura de alto nível de serviços de saúde. A ascensão constante reflecte melhorias sustentadas nas últimas duas décadas e ressalta o impacto do Programa de Transformação do Sector de Saúde do Reino sob a Visão Saudita 2030. O Índice de Cobertura de Serviços da UHC é um dos indicadores internacionalmente reconhecidos dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável e mede o acesso a serviços essenciais de saúde em áreas-chave, incluindo cuidados preventivos, tratamento e capacidade do sistema. O progresso no índice está intimamente ligado a resultados mais amplos de desenvolvimento, como melhoria da qualidade de vida, redução da carga de doenças e maior bem-estar social. O avanço do Reino da Arábia Saudita tem sido impulsionado por um foco estratégico na saúde preventiva, fortalecimento dos serviços de atenção primária, ampliação dos programas de triagem precoce e aumento da prontidão do sistema de saúde. A transformação também foi apoiada por uma rápida digitalização, incluindo plataformas como Sehhaty e o Hospital Virtual Seha, que ampliaram o acesso ao atendimento e melhoraram a eficiência do serviço em todo o país. Essas reformas se traduziram em ganhos mensuráveis em saúde pública. A expectativa de vida no Reino da Arábia Saudita subiu de 74 anos em 2016 para cerca de 79,7 anos em 2025, aproximando o Reino de sua meta da Visão Saudita 2030 de 80 anos e destacando a eficácia dos programas preventivos e de tratamento.

O Ministro da Saúde, Fahad Abdulrahman AlJajel, disse que o progresso reflectia os resultados concretos da Visão Saudita 2030 e o apoio sustentado à liderança. Ele disse: "As melhorias que vemos hoje nos indicadores internacionais de saúde demonstram o impacto real da transformação da saúde do Reino, que prioriza a prevenção, o empoderamento da atenção primária e as soluções digitais de saúde. Elevar a

expectativa de vida para 79,7 anos é resultado de um esforço integrado focado em melhorar a saúde e a qualidade de vida das pessoas." O progresso do Reino da Arábia Saudita no índice de CSU fortalece ainda mais sua posição entre os países do G20 e ressalta o compromisso do Reino em construir um sistema de saúde mais eficiente, resiliente e sustentável, com as pessoas no centro do desenvolvimento nacional. **Fonte-Arab News.**

Embaixada do Paquistão em Riade celebra o Dia Internacional das Montanhas



A Embaixada do Paquistão em Riade — juntamente com o Escritório Regional de Turismo da ONU — sediou uma celebração do Dia Internacional das Montanhas, designado pela ONU.

A Embaixada do Paquistão em Riade — juntamente com o Escritório Regional de Turismo da ONU — sediou uma celebração do Dia Internacional das Montanhas, designado pela ONU. O evento reuniu diplomatas, membros da sociedade civil, montanhistas e artistas para destacar a importância ecológica, cultural e econômica dos ecossistemas montanhosos tanto global quanto dentro do Paquistão. A noite começou com "Montanhas do Paquistão", um documentário que mostra a beleza e a importância ecológica da paisagem montanhosa do Paquistão.

O embaixador do Paquistão no Reino da Arábia Saudita, Ahmad Farooq, disse que as montanhas não são apenas paisagens, mas ecossistemas que dão vida, repositórios de cultura e fontes de inspiração. Ele disse que o evento foi uma celebração da beleza delas e ressaltou a responsabilidade compartilhada de protegê-las para as futuras gerações.

Ele falou sobre o papel fundamental das montanhas na sustentabilidade da água, dos alimentos e dos meios de subsistência, e destacou o compromisso do Paquistão com o desenvolvimento sustentável das montanhas e enfrentando os desafios do derretimento glacial.

O programa também incluiu um discurso do director do Escritório Regional de Turismo da ONU, que enfatizou a cooperação internacional na preservação dos ecossistemas montanhosos. Um segundo documentário, "Spirit of Mountaineering", que celebrou a coragem, resiliência e conquistas dos montanhistas paquistaneses, também foi exibido. **Fonte-Arab News.**

O Ministério da Indústria do Reino da Arábia Saudita emite 95 novas licenças e anuncia início da produção em 81 fábricas em outubro



O valor dos investimentos nas fábricas que começaram a produzir em outubro ascendeu a SR1,3 bilhão.

O Ministério da Indústria e Recursos Minerais do Reino da Arábia Saudita emitiu 95 novas licenças industriais durante outubro, enquanto a produção começou em 81 novas fábricas no mesmo mês. Um relatório do Centro Nacional de Informação Industrial e de Mineração do Ministério revelou que o valor dos investimentos associados às novas licenças ultrapassou SR2,4 bilhões (US\$ 639,5 milhões). Espera-se que esses projectos contribuam para a oferta de mais de 942 oportunidades de emprego em várias regiões do Reino. Por outro lado, o valor dos investimentos nas fábricas que começaram a produzir em outubro ascendeu a SR1,3 bilhão, com oportunidades de emprego estimadas em 1.922 novas vagas. Isso reflecte a expansão contínua da base industrial do Reino e o ritmo crescente de fábricas entrando em operação efectiva. Mensalmente, o ministério, por meio do Centro Nacional de Informação Industrial e de Mineração, publica os principais indicadores industriais. Esses indicadores reflectem o movimento da actividade industrial no Reino, incluindo o volume de novos investimentos, o número de licenças emitidas e o início da produção das fábricas. Isso faz parte dos esforços para aumentar a transparência e acompanhar a trajectória do crescimento industrial observado pelo Reino. **Fonte-Arab News.**

O Fundo Nacional de Desenvolvimento do Reino da Arábia Saudita alcança 45 acordos no valor de US\$ 1,6 bilhão no Momentum 2025



O Momentum foi realizado de 9 a 11 de dezembro no Centro Internacional de Conferências King Abdulaziz em Riade.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento do Reino da Arábia Saudita e suas filiais assinaram 45 acordos com valor total de SR6 bilhões (US\$ 1,59 bilhão), com vários

parceiros locais e internacionais ao final da conferência de financiamento ao desenvolvimento Momentum 2025. O evento, realizado de 9 a 11 de dezembro no Centro Internacional de Conferências King Abdulaziz em Riade, foi organizado pela NDF sob o patrocínio do Príncipe herdeiro, primeiro-ministro e presidente do conselho director da NDF Mohammed bin Salman bin Abdulaziz Al Saud.

Os novos acordos buscam acelerar o ritmo dos investimentos, empoderar o sector privado e desbloquear novas oportunidades em sectores prioritários, incluindo pequenas e médias empresas, turismo e desenvolvimento sustentável.

A nível institucional, o fundo assinou dois acordos estratégicos com dois dos principais parceiros globais em tecnologia e serviços profissionais, visando possibilitar inteligência artificial, dados e soluções digitais dentro do ecossistema de financiamento para desenvolvimento. Os dois memorandos de entendimento visam aprimorar as capacidades institucionais do fundo, incentivar a inovação em produtos e serviços, e melhorar a eficiência e o impacto geral do financiamento ao desenvolvimento no Reino.

O NDF, assinou um memorando de entendimento por meio do Fundo Nacional de Infraestrutura com o objectivo de unificar os esforços do sistema de desenvolvimento para apoiar pequenas empresas, cooperando no desenho de um modelo de financiamento de desenvolvimento para PMEs.

O Banco Saudita de PMEs, assinou 19 acordos de cooperação e memorandos de entendimento com valor superior a SR3 bilhões, para apoiar o sistema de financiamento ao desenvolvimento e fortalecer a integração entre entidades do sector público e privado.

O Fundo de Desenvolvimento do Turismo, firmou 6 acordos com entidades do governo e do sector privado, fortalecendo suas parcerias com um impacto superior a SR4 bilhões. Esses objectivos visam aprimorar soluções de financiamento por meio dos "Programas de Capacitação Turística" oferecidos pelo fundo para micro, pequenas e médias empresas.

O Fundo de Desenvolvimento Cultural, assinou cinco acordos de facilidade de crédito no âmbito do programa de "Financiamento Cultural", com valor total superior a SR63 milhões, para financiar inúmeros projectos culturais. Como parte de seus esforços para apoiar o desenvolvimento do capital humano, o Fundo de Desenvolvimento de Recursos Humanos firmou 3 acordos destinados a apoiar e capacitar 2.191 candidatos masculinos e femininos em múltiplos sectores, com um valor superior a SR324 milhões.

O Fundo Saudita de Desenvolvimento Industrial, assinou um acordo de cooperação com a Saudi Railways Co. para identificar oportunidades de cooperação para capacitar o sector industrial, incluindo o sector ferroviário, e apoiar investidores na localização de bens e serviços para aumentar o conteúdo local.

O Fundo Saudita para o Desenvolvimento, assinou cinco memorandos de entendimento de desenvolvimento com a Universidade Islâmica Imam Mohammad Ibn Saud, a Coalizão Militar Islâmica de Contraterrorismo e a Iniciativa Verde do Médio Oriente, além da Saudi Agricultural and Livestock Investment Co. e o Instituto Árabe de Desenvolvimento Urbano.

O Investment Events Fund, assinou um acordo de parceria com a empresa de entretenimento Legends Global para aprimorar o sector de eventos ao aproveitar a expertise internacional na organização de grandes eventos globais.

Os acordos e MoUs assinados durante a conferência Momentum 2025 representam um passo significativo nos esforços do Reino para construir uma economia diversa, inclusiva e sustentável. Essas parcerias contribuem para reduzir lacunas de financiamento, mitigar riscos para projectos estratégicos e alcançar valor de longo prazo para cidadãos, empresas e comunidades sauditas. Além disso, eles avançam os objectivos globais de desenvolvimento sustentável ao alinhar capital público e privado com prioridades nacionais em infraestrutura, PMEs e crescimento verde.

As sessões de diálogo incorporam a mensagem de transformação do desenvolvimento

A pauta da conferência incluiu mais de 35 sessões abordando investimento sustentável, adaptação climática e o papel das instituições de financiamento ao desenvolvimento na ampliação das oportunidades econômicas. Também contou com uma exposição com participação de mais de 20 entidades dos sectores público e privado. Mais de 100 palestrantes de mais de 100 países participaram para discutir formas de desenvolver financiamento para esforços de desenvolvimento, enfrentar desafios globais emergentes e acelerar prioridades nacionais e internacionais.

A conferência foi concluída com uma sessão intitulada "O Papel das Instituições de Financiamento ao Desenvolvimento: Possibilitando o Desenvolvimento por Aprimoramento das Capacidades Financeiras", que reuniu o Governador do NDF, Stephen Groff, e os CEOs de diversos fundos de desenvolvimento e bancos.

As discussões da sessão focaram em aprimorar a coordenação conjunta, melhorar a prontidão para investimentos e expandir o impacto do desenvolvimento em múltiplos sectores, incluindo turismo, infraestrutura e PMEs.

Durante a mesa-redonda, os participantes analisaram o papel fundamental liderado pelo Fundo e seu ecossistema de desenvolvimento em diversos sectores, bem como seu papel no apoio à transformação econômica do Reino.

Groff explicou que a força desse ecossistema está na diversidade dos fundos e na integração de seus mandatos, acrescentando que alcançar as metas da Visão Saudita 2030 exige flexibilidade na alocação de recursos e capacidade de adaptação às prioridades nacionais de desenvolvimento.

Em apoio à ampliação da presença de empresas internacionais no Reino e ao aumento da competitividade do sector financeiro, o Ministro do Investimento, Khalid Al-Falih, apresentou a licença da sede regional ao HSBC Bank à margem da conferência, um passo que reflecte a crescente confiança e atractividade do mercado saudita para instituições financeiras globais. Para enriquecer o sector de desenvolvimento, a Organização de Cooperação Digital lançou, à margem da conferência, o relatório Digital Economy Trends 2026. O relatório previu que a economia digital global crescerá 9,5% no próximo ano, três vezes mais rápido que o crescimento econômico global.

Fonte-Arab News.

O museu do Castelo Vermelho, na Líbia, abre pela primeira vez desde a queda de Kaddafi

O museu nacional da Líbia, anteriormente conhecido como As-Saraya Al-Hamra ou Castelo Vermelho, reabriu em Trípoli, permitindo ao público o acesso a alguns dos maiores tesouros históricos do país pela primeira vez desde a revolta que derrubou Muammar Kaddafi. O museu, o maior da Líbia, foi fechado em 2011 durante uma revolta apoiada pela OTAN contra o governante de longa data Qaddafi, que apareceu nas muralhas do castelo para fazer um discurso inflamado.

As reformas começaram em março de 2023 pelo Governo de Unidade Nacional (GNU), sediado em Trípoli, que assumiu o poder em 2021 em um processo político apoiado pela ONU. "A reabertura do Museu Nacional não é apenas um momento cultural, mas um testemunho vivo de que a Líbia está construindo suas instituições", disse ontem o primeiro-ministro do GNU, Abdulhamid Al-Dbiebah, em uma cerimônia de reabertura. Construído na década de 1980, os 10.000 metros quadrados de espaço de galeria do museu apresentam mosaicos e murais, esculturas, moedas e artefatos que remontam à pré-história e se estendem pelos períodos romano, grego e islâmico da Líbia.

Líbia recuperou 21 artefatos que foram contrabandeados para fora do país após a queda de Kaddafi, notadamente da França, Suíça e Estados Unidos, disse à Reuters o presidente do conselho de administração do departamento de antiguidades, Mohamed Farj Shakshoki, antes da inauguração. **Fonte-Reuters.**

Contrabandista de migrantes sancionado pela ONU morto no oeste da Líbia



Um barco usado por migrantes foi visto próximo à cidade ocidental de Sabratha, Líbia.

Um notório líder de milícia na Líbia, sancionado pela ONU para tráfico de migrantes através do Mar Mediterrâneo, foi morto ontem em uma operação das forças de segurança no oeste do país, segundo autoridades líbias.

Ahmed Oumar Al-Fitouri Al-Dabbashi, apelidado de Ammu, foi morto na cidade ocidental de Sabratha quando as forças de segurança invadiram o seu esconderijo. A operação ocorreu em resposta a um ataque a um posto de segurança pela milícia de Al-Dabbashi, que deixou seis membros das forças de segurança gravemente feridos,

segundo um comunicado emitido pela Security Threat Enforcement Agency, uma entidade de segurança filiada ao governo ocidental da Líbia.

Al-Dabbashi, que também foi sancionado pelo Tesouro dos EUA por tráfico, era o líder de uma poderosa milícia, a "Brigada do Mártir Anas Al-Dabbashi", em Sabratha, o maior ponto de partida na Líbia para migrantes africanos com destino à Europa. O irmão de al-Dabbashi, Saleh Al-Dabbashi, outro suposto traficante, foi preso na mesma operação, acrescentou o comunicado.

Em junho de 2018, o Conselho de Segurança da ONU impôs sanções a Al-Dabbashi, junto com outros cinco traficantes líbios. Na época, o relatório da ONU afirmou que havia evidências suficientes de que a milícia de Al-Dabbashi controlava áreas de partida para migrantes, acampamentos, casas seguras e barcos. O próprio Al-Dabbashi expôs migrantes, incluindo crianças, a "circunstâncias fatais" em terra e no mar, além de ameaçar a paz e estabilidade na Líbia e em países vizinhos, segundo o mesmo relatório. Al-Dabbashi também foi sancionado pelo Tesouro dos EUA pelo mesmo motivo.

A Líbia tem sido um ponto de trânsito principal para migrantes que fogem da guerra e da pobreza em África e no Médio Oriente. O país mergulhou no caos após uma revolta apoiada pela OTAN que derrubou e matou o autocrata de longa data Muammar Qaddafi em 2011. O país está fragmentado há anos entre administrações rivais baseadas no leste e oeste da Líbia, cada uma apoiada por várias milícias armadas e governos estrangeiros.

Fonte-AP.

Reino Unido impõe sanções a deputados paramilitares das RSF do Sudão e outros comandantes



Estudantes sudaneses protestam contra violações cometidas pelas Forças de Apoio Rápido contra o povo de El-Fasher em 3 de novembro de 2025.

O Reino Unido impôs ontem sanções a altos comandantes das Forças de Apoio Rápido do Sudão (RSF) suspeitos de "violência hedionda" no centro de Darfur, El-Fasher, que o grupo paramilitar capturou em outubro. O Ministério das Relações Exteriores em Londres disse que os alvos incluem o segundo em comando das RSF, Abdelrahim Hamdan Dagalo, cujo irmão Mohammad Hamdan Dagalo é o líder do grupo, além de outros três comandantes. Eles são acusados de "assassinatos em massa, violência sexual sistemática e ataques deliberados contra civis" quando as RSF desalojaram o exército sudanês de El-Fasher, seu último reduto na região ocidental de Darfur. Agora, eles enfrentam congelamentos de activos e proibições de viagem no Reino Unido.

O governo afirmou que as acções das RSF em El-Fasher "não foram aleatórias", mas sim "parte de uma estratégia deliberada para aterrorizar populações e tomar o controle

por meio do medo e da violência." Acrescentou que imagens de satélite mostravam evidências de valas comuns onde vítimas foram queimadas e enterradas, e as sanções enviam "uma mensagem clara de que aqueles que cometerem atrocidades serão responsabilizados." A União Europeia também impôs sanções a Abdelrahim Hamdan Dagalo no mês passado. Em um comunicado revelando as restrições do Reino Unido, a secretária de Relações Exteriores Yvette Cooper disse que as atrocidades que ocorrem no Sudão "são tão horríveis que marcam a consciência do mundo." "As evidências esmagadoras de crimes hediondos — execuções em massa, fome e o uso sistemático e calculado do estupro como arma de guerra — não podem e não vão ficar impunes", acrescentou. "O Reino Unido não desviará o olhar, e sempre estaremos ao lado do povo do Sudão.

Minni Minawi, governadora alinhada ao exército de Darfur, saudou as sanções do Reino Unido "como um passo importante para responsabilizar os responsáveis pelos crimes e violações testemunhados no Sudão nos tempos recentes." Mas ela acrescentou que as medidas "permanecem incompletas" a menos que também visem Mohammad Hamdan Dagalo, "pois ele é o tomador de decisão e o arquitecto directo do sistema de violência."

Londres também anunciou ontem £21 milhões (28 milhões de dólares) em ajuda adicional para fornecer alimentação, água potável, saúde e protecção para mulheres e crianças nas áreas do Sudão mais afectadas pela violência. O pacote afirmou que o pacote financeiro elevou os gastos com ajuda do Reino Unido no Sudão este ano para £146 milhões. **Fonte-AFP.**

Autoridades dos EUA dizem que a força de estabilização de Gaza não combaterá o Hamas



Militantes palestinos fazem guarda no dia em que reféns mantidos em Gaza desde o ataque mortal de 7 de outubro de 2023 são entregues ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), como parte de um cessar-fogo e acordo de troca de reféns e prisioneiros entre Hamas e Israel, em Khan Younis, sul da Faixa de Gaza, em 13 de outubro de 2025.

Tropas internacionais poderão ser enviadas para a Faixa de Gaza já no próximo mês para formar uma força de estabilização autorizada pela ONU, disseram dois oficiais dos EUA, mas ainda não está claro como o Hamas será desarmado. Autoridades disseram que a Força Internacional de Estabilização, ou ISF, não combateria o Hamas. Eles disseram que muitos países demonstraram interesse em contribuir, e que autoridades

americanas estão actualmente definindo o tamanho da ISF, sua composição, moradia, treinamento e regras de engajamento. Um general americano está sendo considerado para liderar a ISF, mas nenhuma decisão foi tomada, disseram autoridades. O desdobramento da força é uma parte fundamental da próxima fase do plano de paz para Gaza do presidente dos EUA, Donald Trump. **Fonte-Reuters.**

Síria recebe com agrado a votação da Câmara dos EUA para acabar com as sanções



Meninos carregam as bandeiras sírias no subúrbio de Daraya, em Damasco, que sofre danos pela guerra, antes das celebrações que marcam o primeiro aniversário da queda de Bashar Assad.

Uma votação da Câmara dos Representantes dos EUA a favor do fim das duras sanções à Síria foi recebida por Damasco na passada quinta-feira como um "momento decisivo". O regime de sanções do "Ato César" foi imposto em 2020 contra o governo do ex-presidente Bashar Assad devido aos abusos dos direitos humanos cometidos durante a guerra civil.

A medida para revogar as sanções, vista como um passo crucial para a recuperação econômica da República Árabe Síria, está contida em um amplo projecto de lei de defesa que a câmara baixa do Congresso apoiou na passada quinta-feira.

O Ministério das Relações Exteriores sírio afirmou que a votação "abre caminho para uma recuperação econômica mais ampla e o retorno de oportunidades há muito negadas aos sírios."

O ministério descreveu isso como um primeiro passo para melhorar os fluxos comerciais e aumentar a disponibilidade de bens essenciais e suprimentos médicos. A Lei de Autorização de Defesa Nacional, ou NDAA, agora será aprovada para o Senado dos EUA, onde se espera que uma votação ocorra até o final do ano.

Assad foi forçado a deixar o poder há um ano após uma rápida campanha militar das forças de oposição que pôs fim ao conflito de 13 anos. O novo presidente, Ahmad Al-Sharaa, que liderou a ofensiva, fez do fim do isolamento da Síria uma prioridade enquanto tenta reconstruir a economia do país devastada. O presidente Donald Trump disse em maio que planejava suspender todas as sanções à Síria e muitas já foram removidas ou suspensas. **Fonte-AP.**

Wang Yi, da China, busca aprofundar laços de petróleo e gás com os Emirados Árabes Unidos em turnê pelo Médio Oriente



O ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, participa de uma reunião com o presidente chinês Xi Jinping (não na foto) e Vuong Dinh Hue (não na foto), presidente da Assembleia Nacional do Vietname, na Assembleia Nacional em Hanói, no dia 13 de dezembro de 2023.

O ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, se reuniu ontem com seu homólogo dos Emirados Árabes Unidos, comprometendo-se a uma cooperação mais profunda em investimentos, petróleo e gás, e infraestrutura com o país do Golfo, informou hoje o ministério das Relações Exteriores da China.

Wang, em uma turnê por três nações pelo Médio Oriente que começou ontem, manteve conversas com o ministro das Relações Exteriores dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Abdullah bin Zayed, em Abu Dhabi, informou o ministério. "A China está disposta a fortalecer os intercâmbios de alto nível com os Emirados Árabes Unidos, consolidar a confiança política mútua e elevar as relações bilaterais", disse Wang. **Fonte-Reuters.**

Israel e Bolívia restauram relações diplomáticas



Israel e Bolívia restauram relações diplomáticas, após terem sido rompidas em 2023, na sequência do reacendimento do conflito em Gaza. O comunicado conjunto de restabelecimento foi assinado pelas duas partes em Washington na passada terça-feira. **“Hoje, terminamos o longo e desnecessário capítulo de separação entre as nossas duas nações”**, celebra o ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, Gideon Saar. Em comunicado, publicado no site oficial do MNE israelita, revela que o comunicado conjunto assinado com o seu congênera boliviano, Fernando Armayo, inclui a

cooperação com a Bolívia em matéria de agricultura, segurança, saúde, inovação e combate ao narcotráfico. Ambos os governos comprometem-se em “manter um diálogo contínuo sobre questões bilaterais, regionais e multilaterais”, e em restaurar as respectivas embaixadas.

A normalização das relações entre os dois países acontece após a eleição do presidente Rodrigo Paz, em outubro, que terminou com duas décadas de domínio do partido socialista MAS, de Evo Morales, presidente desde 2006 até à sua deposição, em 2019.

A política do novo presidente inclui uma aproximação ao bloco ocidental, mais concretamente aos Estados Unidos e a Israel, após décadas de alinhamento com países como a Rússia, China, Irão e Venezuela.

Desde o governo de Evo Morales, que chegou ao poder em 2009, que as relações entre os dois países têm passado por vários momentos de tensão. O primeiro foi em 2009 quando, após uma ofensiva israelita em Gaza, que matou mais de 1000 palestinianos, a Bolívia cortou relações com Israel e expulsou diplomatas do país, incluindo o embaixador. No entanto, após a queda de Morales, em 2019, as relações foram normalizadas, mas voltaram a sofrer um revés em 2023, após o reacender do conflito em Gaza, e do genocídio que se seguiu desde aí. **Fonte-RTP Notícias.**

Mais de um bilhão de barris de petróleo estão parados no mar enquanto Rússia, Irão e Venezuela tentam achar compradores



O mercado de petróleo está tentando entender se as cargas sancionadas da Rússia e do Irão ainda devem ser contabilizadas como oferta. Isso pode explicar por que os preços do petróleo têm reagido lentamente a um enorme excedente que está se formando no mar. Há 1,4 bilhão de barris de petróleo “sobre a água”. Esse volume é 24% maior do que a média para esta época do ano entre 2016 e 2024, segundo a empresa de análise Vortexa. Os dados medem remessas a caminho de serem descarregadas em um porto ou cargas que ainda não encontraram compradores. O aumento do petróleo sobre a água vem de várias fontes. Houve um salto anual de 16% no volume proveniente de produtores tradicionais, segundo a Vortexa. A Opep+ tem bombeado mais petróleo à medida que desfaz cortes de produção, e a oferta também cresce com exportadores fora do cartel, como Brasil, Guiana e Estados Unidos. Mas também houve um surto de produção entre países sob sanções — Rússia, Irão e Venezuela. O número de barris

“escuros” no mar subiu 82% em um ano, com um crescimento acelerado nos últimos três meses.

A geopolítica está impulsionando essa tendência. Índia e China, normalmente os maiores compradores de petróleo russo, têm evitado novas compras desde que a Casa Branca sancionou as produtoras Lukoil e Rosneft em outubro. Os EUA também aplicaram sanções recentemente a um terminal chinês na província de Shandong que vinha recebendo remessas de petróleo iraniano. As restrições não impediram Irão ou Rússia de bombear petróleo — mas está ficando mais difícil encontrar compradores, fazendo com que navios fiquem retidos no mar.

Os barris “escuros” representam um dilema para o mercado. Eles são uma fatia grande demais dos fluxos globais para serem ignorados — 15% da oferta mundial de petróleo está agora sob sanções, segundo a Kpler. Mas, com os compradores habituais parados, há quem defenda que esses barris sancionados podem ser retirados dos cálculos de oferta disponível.

Quando sanções foram aplicadas a Moscovo no passado, o petróleo acabou encontrando compradores — embora tenha levado alguns meses para que a sofisticada “frota sombra” da Rússia montasse novas cadeias logísticas para driblar as restrições. Em uma visita a Nova Délhi na semana passada, o presidente Vladimir Putin afirmou estar pronto para fornecer remessas “ininterruptas” de combustível à Índia. Se ele conseguir voltar a entregar petróleo para Índia e China — criando novas entidades não sancionadas para intermediar transações ou fazendo transferências de navio para navio para mascarar a origem do petróleo — haverá menos demanda por barris substitutos de produtores não sancionados, o que pode pressionar o preço do Brent.

A incerteza sobre os próximos passos pode explicar por que o Brent tem se mantido relativamente estável entre US\$ 61 e US\$ 66 por barril nos últimos dois meses, apesar do crescente estoque no mar. Outro motivo pelo qual o aumento da oferta não derrubou os preços é que a China tem colocado cerca de 290 mil barris por dia em armazenamento neste ano, segundo a Rystad Energy. Isso absorveu parte do excesso de petróleo. As tensões globais estão deixando o governo chinês receoso de interrupções nas importações de energia, levando-o a estocar mais petróleo como um seguro.

Os estoques chineses são tratados como reservas estratégicas, que não movimentam preços tanto quanto inventários comerciais. Se esse volume extra tivesse aparecido nos principais centros de precificação da OCDE, que os analistas acompanham de perto, o impacto teria sido dramático. Se metade dos 97 milhões de barris que a Rystad estima que a China acumulou neste ano tivesse aparecido em instalações de armazenamento em Cushing, Oklahoma, por exemplo, isso elevaria os estoques locais para 70 milhões de barris, ligeiramente acima do nível que contribuiu para tornar os contratos futuros do WTI negativos em abril de 2020. Na época, vendedores com contratos de curto prazo tiveram de pagar compradores para retirar barris, temendo não haver espaço para armazená-los.

As sanções tornam muito difíceis prever para onde o mercado irá. O resultado tem sido um preço do petróleo incomumente estável, apesar do excesso de oferta. Mas qualquer sinal de que o excedente no mar esteja indo para armazenamento em terra pode fazer o piso desabar sob a cotação. **Fonte-InvestNews.**

Como o Dubai saiu da miséria absoluta, com gente comendo gafanhotos, para virar vitrine mundial de ostentação, petróleo escasso e megaprojectos erguidos à base de trabalho quase escravo



Dubai saiu da fome e das pérolas e ergueu uma cidade global com petróleo, infraestrutura, turismo e desafios de escravidão moderna.

De vila pobre no deserto, Dubai viveu fome após o crash de 1929 e a Segunda Guerra mundial, comeu gafanhotos, achou petróleo só em 1966 e logo reduziu a dependência para menos de 1% hoje. Portos, aeroporto, contrabando e turismo de 18,2 milhões em 2024 explicam o salto, com recordes globais. No Dubai, a virada começa na tragédia: após o crash de **1929**, o comércio de pérolas desmoronou e, na **Segunda Guerra Mundial**, as importações de comida foram afectadas, empurrando a cidade para a fome. Depois vieram obras decisivas, como o início de projectos em **1959**, a inauguração do aeroporto em **1960**, a descoberta de petróleo em **1966** e a abertura do porto em **1972**. O que hoje parece “milagre” também tem um lado sombrio: com a explosão populacional e os megaprojectos, Dubai passou a depender fortemente de mão de obra imigrante vulnerável. Nos **anos 2000**, houve protestos ligados às obras do Burj Khalifa e, em **2011**, um trabalhador teria se jogado do **147º andar após ser impedido de voltar ao seu país, segundo a Human Rights Watch**

Antes do brilho, a região era rota comercial e protectorado britânico



A área do sudoeste da Península Arábica é habitada por povos nômadas há cerca de **2,7 mil anos** e manteve ligações comerciais com povos do Golfo Pérsico e de fora, incluindo paquistaneses, indianos, etíopes, turcos e chineses. Dessa dinâmica surgiram os emirados que hoje formam os Emirados Árabes Unidos: Abu Dhabi, Sharjah, Dubai, Ajman, Um al Qaiwan e Ras al Khaimah.

Dubai, especificamente, era **uma vila de pescadores pouco expressiva**, que pertenceu a Abu Dhabi até **1833**. No século 16, chegaram os portugueses, depois vieram os holandeses e, por fim, os britânicos, interessados em proteger suas rotas marítimas para a Índia Britânica. Eles firmaram tratados com os Sheikhs costeiros, prometendo ajuda em caso de ameaça externa. **A ideia de “Costa dos Piratas” é descrita por pesquisadores como exagero difundido pelos britânicos** para legitimar a dominação, como explica o historiador Johan Mathew, da Universidade Rutgers.

Pérolas: o motor econômico que quebrou a cidade

Por mais que a fama de pirataria seja contestada, o comércio de pérolas era real e central. No começo do século 20, 95% da economia do Golfo Pérsico girava em torno das pérolas. Havia cerca de 1,2 mil navios dedicados à actividade, cada um com até 80 marinheiros, e um quarto dessas embarcações estavam no Dubai, segundo o jornalista Jim Krane. O problema é que a prosperidade virou colapso. O crash de 1929 derrubou mercados de luxo e atingiu Dubai, que dependia das pérolas. E, mesmo sem a quebra da Bolsa, a actividade já estava ameaçada: pesquisadores japoneses descobriram como cultivar pérolas, deslocando a prática artesanal árabe por um modelo industrializado e padronizado. Dubai quebrou, mercadores indianos voltaram para Mumbai, escolas internacionais fecharam, e o Emirado enfrentou 17 anos de miséria.

Fome, gafanhotos e lagartos: a sobrevivência no Dubai de 80 anos atrás

Com a crise econômica e, depois, os impactos indirectos da **Segunda Guerra Mundial**, as redes de importação de comida, essenciais para sobreviver no deserto, foram atingidas. Negócios faliram, estrangeiros foram embora, e a fome chegou. **Nuvens de gafanhotos, antes praga, viraram alívio**, porque as pessoas fritavam os insectos para comer. Outra alternativa era caçar lagartos do gênero *Uromastix*, conhecidos em árabe como **dub**, descritos como abundantes no deserto.

Alguns linguistas associam esse termo à etimologia do nome Dubai, embora haja teorias mais aceitas, como a ideia de que “Dubai” viria do verbo árabe para “rastejar”, em referência ao ritmo lento dos barcos na enseada que deu origem ao povoado. **O facto central é brutal: havia gente morrendo de fome e comendo insectos para sobreviverem.**

1971: nasce um país pobre, e Dubai não era a terra do petróleo

Desde o século 19, os britânicos pouco teriam feito para desenvolver os Emirados, segundo Krane. Em 1971, eles deixaram oficialmente a região e, por serem pequenos demais para virarem Estados independentes, os emirados formaram uma federação: surgiam os Emirados Árabes Unidos (EAU). O novo país era descrito como pobre e atrasado: **não havia universidades, o analfabetismo passava de 70% e a expectativa de vida era cerca de 50 anos**. E, embora a exploração de petróleo nos Emirados tenha começado nos anos 1950 em Abu Dhabi, Dubai perfurou por anos sem achar. **A sorte do país era o petróleo, mas a escassez relativa no Dubai forçou uma estratégia diferente.**

Porto, aeroporto e contrabando: a infraestrutura veio antes da ostentação

O Sheikh Rashid bin Saeed al Maktoum queria um porto e um aeroporto. O assoreamento na Enseada de Dubai afastava navios grandes e o investimento necessário era maior do que as receitas locais. Para levantar dinheiro, ele recorreu a doações de famílias mercantes, venda de títulos e, sobretudo, **um empréstimo do Kuwait**. As obras começaram em **1959**, e o porto com o nome do Sheikh foi inaugurado em **1972**. No aeroporto, a história é ainda mais reveladora do “oportunismo” descrito na narrativa. Rashid recebeu um “não” de Londres para construir o terminal, porque havia uma base aérea britânica em Sharjah.

Dubai lucrava com ouro importado do Reino Unido e dos EUA e contrabandeado para a Índia, onde era proibido. O ouro chegava por Sharjah, que ficava com parte do lucro. Rashid contratou uma firma inglesa para projectar o terminal e pagou, por fora, um piloto britânico para levar cargas a uma pista improvisada no Dubai. Em seguida, segundo Frauke Heard-Bey, **Rashid entregou um Rolex ao piloto para presentear o administrador britânico responsável** e ganhar apoio. **O Aeroporto Internacional do Dubai foi inaugurado em 1960.**

1966: petróleo, dependência rápida e diversificação ainda mais rápida

Em **1966**, Dubai finalmente encontrou petróleo. Seis anos depois, a economia local dependia dele quase como na era das pérolas: **cerca de dois terços do PIB** vinham do petróleo. Ao mesmo tempo, os investimentos em infraestrutura já mudavam a cidade: nos anos 1960, Dubai ganhou **linhas telefônicas e água encanada**, e a **luz eléctrica chegou em 1961**.

Na década de 1970, após a independência, o prestígio de Rashid se traduziu em **duas visitas oficiais da Rainha Elizabeth 2ª**. Na segunda, ela inaugurou um novo porto, em **1979: Jebel Ali**, descrito como o maior porto artificial do planeta e um dos terminais mais movimentados do mundo.

O ponto-chave é que Dubai tratou o petróleo como alavanca, não como destino. Em **1985**, o petróleo era metade do PIB; nos **anos 2000**, caiu para **3%**; e hoje é **menos de 1%**. A necessidade ajudou a impor disciplina: mesmo com reservas significativas, Dubai jamais teve petróleo comparável ao de Abu Dhabi. Segundo a Opep, os Emirados são grandes produtores, mas **nove de cada dez barris do país estão em Abu Dhabi**. Assim, Dubai consolidou uma economia de **serviços**, com finanças, mercado imobiliário, comércio e turismo liderando a diversificação.

Trabalho forçado e kafala: o custo humano por trás dos megaprojectos

A história local tem ligação antiga com mercados desregulados ou ilegais. Nos anos 1950, Dubai era descrita como estratégica no tráfico internacional de **haxixe e ópio**. E o tráfico de escravos, prática milenar conectando a Arábia à África, acelerou no auge das pérolas. Os britânicos tentaram coibir no século 19, mas a escravidão só foi banida oficialmente em **1963**. O problema, segundo a ONG Walk Free, reaparece como “**escravidão moderna**”, com trabalhadores imigrantes vulneráveis a um sistema restritivo conhecido como **kafala**, que os vincula aos patrões. Nos **anos 2000**, houve

protestos contra condições de trabalho durante as obras do **Burj Khalifa**, o prédio mais alto do mundo, com **828 metros**.

E há o episódio citado pela Human Rights Watch: em **2011**, um trabalhador teria se atirado do **147º andar** após ser proibido de voltar ao país natal. A Walk Free reconhece que **os EAU estão entre os países que mais adotam medidas para combater a escravidão moderna** quando comparados a outros da região, mas o desequilíbrio de poder descrito permanece como elemento central do debate.

População, turismo e recordes: Dubai vende superlativos, mas carrega alertas

Com a diversificação, a população disparou: **40 mil habitantes em 1960, 370 mil em 1985, 1 milhão no começo deste século e 3,6 milhões hoje**. O Aeroporto do Dubai é descrito como o maior em tráfego de passageiros internacionais: **cerca de 92 milhões em 2024, alta de 6,1%** em relação ao ano anterior.

Dubai, ficou à frente de Londres, com **79 milhões**. Em passageiros totais, Dubai fica atrás de Atlanta, com **108 milhões**.

No turismo, o governo declarou a ambição de fazer do Dubai a cidade mais visitada do mundo em 2025. Em 2024, Dubai ficou em **7º lugar** em um levantamento da consultoria Euromonitor, com **18,2 milhões de visitantes estrangeiros**, bem atrás de Bangkok, líder com **32,4 milhões**, mas quase três vezes mais do que o Brasil inteiro, segundo a comparação apresentada. Hoje, Dubai também coleciona recordes citados como reconhecidos pelo Guinness World Records, incluindo o edifício mais alto, a maior fonte pública, o maior shopping center e outros superlativos. Ainda assim, há lembretes de limite físico: a roda-gigante mais alta do mundo fechou em 2022, e especulações apontaram problemas no solo da ilha artificial onde ela está instalada. A própria trajetória de Dubai sugere que, mesmo quando tudo parece possível, o risco nunca desaparece. **Fonte-CPG.**

Irão apreende tripulantes de navio petroleiro no Golfo de Omã



A bandeira da República Islâmica do Irão.

Autoridades iranianas detiveram 18 tripulantes de um navio petroleiro estrangeiro apreendido no Golfo de Omã, hoje, que, segundo elas, transportava seis milhões de litros de combustível contrabandeado, informou a imprensa iraniana neste sábado (13), citando o judiciário da província de Hormozgan. A informação é de que entre os detidos

que estão sob investigação, está o capitão do navio-tanque. A agência de notícias semioficial Fars disse que os tripulantes eram da Índia, Sri Lanka e Bangladesh. As autoridades afirmaram que o navio-tanque cometeu diversas infrações, incluindo "ignorar ordens de parada, tentar fugir e não possuir documentação de navegação e de carga".

O Irão, que possui alguns dos preços de combustíveis mais baixos do mundo devido a fortes subsídios e à queda no valor de sua moeda nacional, vem combatendo o contrabando desenfreado de combustível por terra para os países vizinhos e por mar para os estados árabes do Golfo. **Fonte-CNN Brasil.**

O que vem depois do multilateralismo?



JAVIER SOLANA & ANGEL SAZ-CARRANZA

12 de dezembro de 2025



Agora está claro que o sistema multilateral, como o conhecemos, não pode mais facilitar a acção colectiva.

O mundo está à beira de uma profunda reestruturação geopolítica, à medida que as rivalidades crescentes entre grandes potências corroem as estruturas multilaterais que sustentam a ordem global desde meados do século XX.

Para evitar que o sistema internacional desce no caos e no conflito, aqueles que não estão dispostos a aceitar um mundo governado apenas por força bruta devem encontrar maneiras de reforçar as instituições multilaterais debilitadas de hoje por meio de acordos informais e bilaterais.

Do final da Segunda Guerra Mundial até o início da década de 2010, o multilateralismo forneceu a estrutura para a cooperação internacional. Embora imperfeito e frequentemente inconsistente, foi o modelo de governança global mais eficaz já criado. Mas, após mais de uma década de erosão contínua, está claro que o sistema multilateral como o conhecemos não pode mais facilitar a acção colectiva.

Sem um quadro capaz de coordenar as relações entre países, as alternativas são claras: um governo mundial — uma perspectiva inviável — ou uma deriva constante rumo à anarquia. O multilateralismo surgiu como o meio-termo pragmático: tomada colectiva de decisões e regras vinculativas, em vez de uma única autoridade global ou nenhuma.

Nascido de circunstâncias históricas únicas, esse modelo tomou forma à medida que os EUA — a potência global dominante do pós-guerra — promoviam um sistema baseado em tratados guiado por interesses próprios esclarecidos. Essa visão foi realizada nas conferências de Bretton Woods e São Francisco, que levaram à criação da ONU, do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, bem como de sua sucessora, a Organização Mundial do Comércio.

Em princípio, se nem sempre na prática, essas instituições multilaterais estavam abertas a todos os países, com órgãos como a OMC e a Organização da Aviação Civil Internacional fornecendo um quadro compartilhado de regras, padrões e responsabilidades. Mas, nos últimos anos, eles foram severamente prejudicados pela ascensão do soberanismo em economias desenvolvidas como os EUA e em potências emergentes como a China.

Os EUA, por sua vez, desempenharam um papel significativo em enfraquecer as próprias instituições que ajudaram a criar. A invasão do Iraque em 2003 e sua intervenção na guerra civil da Líbia em 2011 mostraram que as grandes potências mundiais não se viam como vinculadas à chamada ordem internacional baseada em regras. Essa tendência foi reforçada pela eleição do presidente Donald Trump em 2016, enquanto seu retorno ao cargo em 2025 representou uma rejeição explícita da abordagem multilateral.

Enquanto isso, Rússia e China têm estado ansiosas para minar um sistema que consideram prejudicial aos seus interesses. A invasão da Geórgia pela Rússia em 2008 e as invasões da Ucrânia em 2014 e 2022 desafiaram abertamente o direito internacional, trazendo de volta uma guerra em larga escala à Europa. Da mesma forma, a estratégia industrial "Made in China 2025" da China viola as regras da OMC e suas acções agressivas no Mar do Sul da China demonstram total desrespeito pela decisão arbitral de 2016 que rejeitou suas amplas reivindicações marítimas.

As consequências agora são amplamente evidentes: nas questões que mais importam, as instituições multilaterais não conduzem mais a tomada de decisões globais. Paralisado por vetos de seus membros permanentes, o Conselho de Segurança da ONU tem estado em grande parte inactivo, com a notável exceção de seu recente endosso ao plano de paz de Trump para Gaza. Ao mesmo tempo, a OMC — cuja criação em 1995 foi a última conquista significativa do multilateralismo — não pode mais impor suas próprias regras desde que os EUA tornaram seu recurso inquare em 2019.

Essa paralisia institucional faz parte de uma tendência mais ampla. Nenhuma grande instituição multilateral foi criada em décadas, enquanto arranjos informais — sem regras vinculantes e frequentemente envolvendo actores não estatais — proliferaram, oferecendo formas de coordenação mais ágeis e adaptáveis, mais adequadas a um mundo cada vez mais fragmentado. Hoje, as instituições multilaterais representam apenas um quarto do ecossistema global de governança.

Nesse ambiente, evitar a desintegração da ordem internacional é uma tarefa assustadora. O que é necessário são mecanismos intermediários que não dependam da participação universal ou da adoção de regras abrangentes e vinculativas. Embora alcançar consenso global seja praticamente impossível, alianças informais, plataformas público-privadas e mecanismos flexíveis de coordenação podem ajudar a mitigar riscos geopolíticos.

Gavi, a Aliança de Vacinas — que imunizou mais de um bilhão de crianças desde 2000 — oferece um modelo útil, assim como o Instituto de Engenheiros Eléctricos e Electrónicos, com seus padrões técnicos globalmente aceites (incluindo Wi-Fi), e a Organização Internacional de Padronização. Embora não possuam autoridade legal, esses órgãos alcançaram legitimidade técnica e ampla conformidade voluntária. Antes secundários às instituições multilaterais, agora podem emergir como pilares da coordenação global.

À medida que actores privados, governos subnacionais, instituições académicas e redes profissionais continuam a ganhar influência, a diplomacia deixa de ser domínio exclusivo dos ministérios das Relações Exteriores. A governança global, por sua vez, está se tornando cada vez mais descentralizada, especialmente em áreas críticas como a cibersegurança.

Para evitar uma catástrofe global, o vácuo institucional actual deve ser preenchido por meio de arranjos flexíveis e viáveis: menos formais, menos universais e menos vinculativos, mas ainda capazes de facilitar a cooperação entre países e actores-chave. Essas incluem parcerias público-privadas, acordos inter-regionais como o acordo comercial UE-Mercosul e "coalizões dos dispostos" como as Parcerias para a Transição Energética Justa.

Admito que essa abordagem envolve custos de transação mais altos e não pode garantir certeza ou uniformidade. Mas a tarefa dos formuladores de políticas internacionais não é desenhar o modelo perfeito — é identificar aquele que é mais viável em um mundo em rápida mudança, à beira do colapso sistêmico.

Javier Solana, ex-alto representante da UE para assuntos externos e política de segurança, secretário-geral da OTAN e ministro das Relações Exteriores da Espanha, é presidente do EsadeGeo — Centro de Economia Global e Geopolítica.

Angel Saz Carranza, é Director do EsadeGeo — Centro de Economia Global e Geopolítica e Professor de Estratégia e Política no Esade.

Aviso legal: A opinião expressa pelos escritores nesta sessão são próprias e não reflectem necessariamente o ponto de vista da **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**
Preservar e valorizar as conquistas
alcançadas, construindo um futuro melhor